

TÍTULO: CABAÇAL: A MÚSICA DO COMEÇO DO MUNDO

AUTORES: * Genildo Moreira Angelim; ** Elinaldo Menezes Braga

ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

INSTITUIÇÃO: UFCG

“Manoel Inácio tem 81 anos e um corpo miúdo, mas vira gigante quando toca com a sua banda, alegrando o sertão da Paraíba”.
(Andrea Ciacchi)

Entender a cultura é rastrear a história do próprio homem, seja nas suas manifestações mais elaboradas, seja nas suas manifestações mais espontâneas. Da espontaneidade do povo emerge uma cultura que se fundamenta em níveis que se interpenetram, a saber:

- pela coletividade, por ser de feitio grupal;
- pelo empirismo, que requer, para além da teoria a prática, apoiando-se na interação;
- pelo espontaneísmo do cotidiano humano;
- pelo funcionalismo, porque dá vida ao que de mais simples existe no imaginário do povo;
- pelo tradicionalismo porque se faz manifestação viva entre as gerações que se sucedem.

Talvez seja o anonimato e a transmissão oral as principais características das manifestações da cultura popular. O que é do povo não requer assinaturas, a autoria dilui-se entre todos os membros do grupo. É pelo boca – a – boca e pela imitação que a cultura do povo atravessa os tempos.

A cultura popular se faz viva através dos mitos, lendas, cantos, folhetos de feira, pelas festas e tradições populares, pelas crendices e superstições, pelos ritos e pela religião popular, pelas danças e pela **MÚSICA**.

Sob essa ótica é que se concebe a importância de se conhecer e promover as manifestações populares, a fim de que se possa reavivar todos os valores culturais, necessários à formação da identidade nacional.

A luz desses pressupostos o PROJETO CABAÇAL: a música do começo do mundo - foi criado desde 2001; inicialmente, através do Programa de Bolsas de Extensão da UFPB; agora, ligado ao programa da UFCG, **objetivando** mapear as bandas cabaçais do Alto Sertão paraibano com vistas à dinamização das atividades desses grupos,

desenvolvendo e incrementando as ações culturais em favor da memória do povo nordestino. Para isso, o projeto possibilita o intercâmbio entre as diversas bandas da região e destas com as comunidades do âmbito do projeto. Ainda promovendo espaços e momentos de divulgação das atividades desenvolvidas pelos grupos, oportunizando o registro em áudio, vídeo e fotográfico, disseminando experiências através de textos acadêmicos e jornalísticos produzidos pela equipe do projeto e demais instâncias interessadas, vislumbrando, sobretudo, o incentivo para que AS BANDAS CABAÇAIS permaneçam ativas e propaguem entre as gerações mais jovens a necessidade dessa manifestação da cultura popular como marca do sertanejo paraibano e favorecer a valorização desse grupos nas comunidades em que estão inseridos.

De forma concreta, o projeto já registrou a existência de grupos no sertão da Paraíba, distribuídos, dentre outras, nas cidades de Cajazeiras, São José de Piranhas, Triunfo, Cachoeira dos Índios, Bonito de Santa Fé, Monte Horebe, Conceição do Piancó, Tavares, São José de Caiana, Diamante, Itaporanga; Santana dos Garrotes e Pombal.

Instituído esse intercâmbio, pôde-se, ativamente, promover a participação de bandas cabaçais em eventos realizados pela UFCG e outras instituições, divulgar o projeto e a música cabaçal pela imprensa escrita, falada e televisiva, em nível local, regional e nacional, o que favoreceu a auto-estima e, conseqüentemente, uma maior frequência na realização das atividades dessas bandas. Além disso, as comunidades, de um modo mais geral, passaram a ter ciência da existência desses grupos e a prestigiar essa forma de manifestação cultural..

Outro aspecto positivo alcançado pelo projeto foi a influência que teve sob alguns grupos. Alguns dessas bandas, por motivos que variavam desde a falta de instrumentistas até a falta de motivação por parte de alguns músicos, não estavam mais na ativa. Mas, com as visitas da nossa equipe, onde apresentávamos fotos e vídeos de outros grupos, relatos sobre eventos promovidos e incentivo para que se apresentassem, e, sobretudo, mostrando um verdadeiro interesse pela música cabaçal e respeito pelos seus artistas, os velhos e novos pifeiros motivaram-se e voltaram a tocar.

As ações do projeto começavam a partir de conversas informais com velhos moradores de cidades do alto sertão paraibano, que informavam sobre a existência ou não, de bandas de pífanos em suas comunidades. Quando as informações eram

positivas, efetuavam - se visitas aos grupos indicados. O primeiro contato era apenas para conhecer os artista e falar sobre a proposta do trabalho. Todos foram simpáticos aos nossos interesses e, muitas vezes, eles próprios indicavam outros grupos em outras comunidades. Sempre que possível são criados espaços e momentos no âmbito da CAMPUS e fora dele para que possam apresentarem-se.

O projeto tem repercutido de forma que pesquisadores e artistas de seguimentos diversos têm nos procurado para que, através do projeto, possam chegar a esses grupos folclóricos. Isso alegra e orgulha os nossos pifeiros e encanta os visitantes que ajudam na divulgação das atividades cabaçais.

Um pouco da história da música cabaçal

Estudos apontam que a banda cabaçal é herança da musicalidade cariri, nação indígena que habitava, dentre outras regiões, o cariri cearense e o paraibano. Estas pistas geneológicas são perseguidas por COSTA (s. d. p. 51), que em estudos sobre os Irmãos Anicete, caboclos descendentes diretos da nação Cariri - relata que o contato com os brancos forçaram esses índios a adotarem uma espécie de reconversão cultural para preservar a sua cultura em meio aos seus sucessores. Nas palavras do autor, *“a cultura indígena não foi extinta, e sim adaptada, não necessariamente aos moldes do branco, mas de acordo com os moldes de uma nova etnia, a cabocla.”*

Ainda segundo COSTA (op. cit.), a referência mais remota à Banda Cabaçal encontra-se em George GARDNER (1838), que relata a sua impressão ao se deparar com uma festa religiosa na vila do Crato, Ceará, cidade que nasceu da transformação de uma aldeia Carirí, em vila e, posteriormente, em cidade. O autor endossa o seu relato dizendo:

“ toda a população da vila chega a dois mil habitantes, na maior parte índios ou mestiços dele descendentes. (...) A pouca distância tocava uma banda de música, com dois pífanos e dois tambores, mas a música era desgraçada, bem à altura do fogo de artifício então exibido” (GARDNER apud SIQUEIRA, 1978.)

A afirmação de que a música cabaçal tem origem com os índios é quase que unânime também entre os pifeiros, como pode ser observado nas palavras do velho Manoel Inácio, líder da banda Os Inácios do Sítio Bé, do município de Cajazeiras – PB

e de Chico Barbosa pifeiro da banda São João Batista do município de São José de Piranhas, respectivamente:

“ (...) eu toco qualquer música que quiser mas essas músicas de sanfoneiro não combina com a banda cabaçal. Pois bem, nós só toca a música do começo do mundo, a música do índio, como já dizia o meu avô”.

“Quando eu nasci meu pai já tocava. Meu pai falava que ela já vinha de uma adjação muito antiga. Terra do pai dele. Tocava zabumba, tocava pife. Agora essa banda ela vem de uma tradição muito antiga, talvez ela seja uma das primeiras bandas no Brasil formada pelos índios por causa naquele tempo, dizia papai, o pai dele já passava pra ele e vem de lá pra cá. E essa banda os índios formaro pra louvar Deus na época que Deus eles chamava era Tupã né? Chamava Deus Tupã. Aí eles dizia oi vamos tocar, formar né? Furaro um pau lá, arrumaro um couro de bode lá né? Fizero os instrumentos né? Aí eles tocava, tocava louvando a Deus pra pedir chuva e graça, pra pedir graça a Deus aí saía tocando. Naquele tempo não existia instrumento, nada. Era um negócio que era isolado, que o Brasil quando foi descoberto naquela época no Brasil quase não existia nada só existia índio mesmo. Aí eles formavam, tocavam movidos pela fé que eles tinham e sempre descobria a graça de Deus quando tocava. Aquilo vinha assim, pela graça de Deus esses instrumentos foram formados. Aí vem né?”

Para alguns, como é o caso dos “Morenos” ou “Os Quarenta”, banda formada pela família Pereira, residente no município de Triunfo – PB, a gênese da banda cabaçal se dá com a libertação dos escravos através da Lei Áurea. Como relata o senhor Aduino Pereira, zabumbeiro da referida banda: *“(...) dizia os mais vei que essa banda começou quando a princesa Isabel deu a liberdade aos escravos né? Aí os negros inventaram essa banda cabaçal né?”*

Os estudos de GARDENER afirmam que o início da banda cabaçal se dá no início do século XIX, já com a formação de dois pífanos e dois tambores, todos fabricados pelos próprios índios. SIQUEIRA apud COSTA (op. cit.) referindo-se as estampas dos antigos povos incaicos, aponta que é comprovado que a zabumba é um instrumento ameríndio e que o “pife” deve ter sido apresentado, primeiro, pelos missionários barbadinhos do Baixo São Francisco, devido o termo *piffero* em italiano.

Essa relação que se faz entre os instrumentos utilizados pelas bandas cabaçais com outras culturas exteriores pode ser vista também no texto de RABELO (1997), que diz que “*diversos povos fazem uso desses instrumentos, como nas épocas de Natal em Roma, onde desciam as montanhas para tocar diante da imagem da virgem, como também em Portugal (com o nome de bombo), para acompanhar as romarias e cantigas de Arraial*”.

Essa formação de dois pífanos, um zabumba e uma caixa sofre variações dependendo da localidade. Há bandas que se apresentam , além dos instrumentos citados, com pratos, outras com triângulo, pandeiro, surdos. Os grupos localizados em triunfo e Pombal, ambos responsáveis pela música dos EXPONTÕES (outra manifestação folclórica que além da música tem a dança), é composta também de um acordeon.

Quanto a gênese do nome cabaçal, uma das versões é que o termo faz referência à “cabaça”, instrumento presente em vários níveis da cultura e fé cariri. Em entrevista prestada a COSTA (op. cit.), Antônio Anicete, músico da Banda Cabaçal OS ANICETES do Crato – Ceará, confirma essa possibilidade. Segundo o caboclo os índios cariris adaptavam as cabaças para construírem tambores cobertos com couro.

Em todo o cariri cearense observa-se a existência de Bandas Cabaçais que serviram, inclusive, de referências para a formação de algumas existentes em cidades paraibanas que estremam com o estado do Ceará, como atestada o relato de pifeiros do sertão paraibano. Quando perguntamos a origem da banda cabaçal localizada na zona urbana de Conceição do Piancó, por exemplo, um de seus pifeiros revela que quando ainda menino o pai anualmente promovia a festa do padroeiro em sua própria casa e sempre contratava uma banda de Missão Velha – Ceará. De tanto admirar e ouvir, ele e o outro irmão aprenderam a tocar pífano e montaram sua própria banda com os instrumentos que o pai fazia questão de ter em casa.

A banda cabaçal é conhecida diferentemente de acordo com a localidade na região nordeste. Pode também ser chamada de banda de couro, banda de pifes, zabumba, terno de pífano, terno de zabumba, esquentar mulher ou simplesmente o cabaçal, atravessa os tempos sucessivamente, com seus ritmos tradicionais marcha, caboré e valsa que remontam a época da colonização, aprendidos de ouvido e tocados em bailes, praças públicas e, sobretudo, em eventos religiosos como : novenas ou trezenas (reza que se

faz nos 09 ou 13 dias que antecedem a festa do padroeiro local), procissões, batizados, e, em muitos casos, as bandas são requisitadas para pagamento de promessas, o que orgulha esses “artistas da fé”.

Atualmente, embora por motivos diversos, algumas tenham sido extintas ou encontrarem-se adormecidas, é possível verificar a existência de bandas de pífano espalhadas por outras regiões no nordeste brasileiro. Podemos citar como exemplos as bandas do Cariri cearense, a banda de Caruaru e na Bahia a banda de pífano de Bedengó, que segundo RABELO (op. cit.) tratá-se de uma das mais representativas da música e história remanescente de Canudos, trazendo em sua música um resgate de tudo que herdaram da antiga e gloriosa comunidade criada por Antônio Conselheiro, destruída a 100 anos.

Em toda a extensão da Paraíba há também um número razoável desses grupos. No que se refere ao sertão do estado, podemos citar, dentre outras, as bandas dos Inácios do Sítio Bé de Cajazeiras, os Barbosas da Boa Vista e a banda do Sítio Antas, ambas no município de São José de Piranhas, Os Pereiras em Triunfo, os Monteiros do Sítio Cipó de Cachoeira dos Índios, as bandas de Conceição, Pombal, Santa Helena e Monte Horebe, etc. Cada uma com as suas atividades que revelam um calendário religioso-cultural belo e rico que atravessa gerações e gerações.

No dia 20 de cada mês pode-se assistir, por exemplo, as performances das bandas de Bonito de Santa Fé e de Conceição reverenciando o Padre Cícero; no dia 31 de maio Os Inácios coroando Nossa Senhora da Conceição; no mês de junho as festas de São Sebastião e São João Batista da Boa Vista; em setembro a festa de São Lázaro no Sítio Cipó e em Santa Helena e a Festa do Rosário em Pombal; em dezembro as festividades do Menino Deus em triunfo e tantas outras festas que marcam a cultura popular do nosso estado.

Pode-se sentir que a banda cabaçal é a música da vida desses sertanejos quando falam com orgulho de suas memórias a cerca da origem dos grupos e da relação de cada um com essa atividade. Para seu Chico Barbosa, onde tem um tambor tocando Deus está presente. Sendo assim, quando está tocando diz que é como se estivesse mais perto de alcançar o Céu.

O orgulho da maioria dos pifeiros que aprenderam com seus pais, que por sua vez aprenderam com os avós, e esses com os seus antepassados, é claramente exposto quando perguntamos sobre a origem de seus grupos, assim como Chico Barbosa relata:

“...eu sou de 40, eu vim tocar mais ou menos (pausa) iiiii! a primeira vez que eu toquei mais papai me ensinando, sempre ele ensinava, mas eu num tocava, bulia. Mas a primeira vez que eu toquei foi em 54 aqui na Boa Vista pra São João Batista. Aí ele dizia até assim: Oi, tu vai ser um bom tocador, apesar que ainda toca pouquinho mas é muito bem feita a tua tocada. eu tinha 14 anos. Tocava as pequenas partes, - Pife – eu toco tudo mas eu me dediquei mais ao pife. Desde dessa vez que eu toquei mas ele eu nunca mais deixei de tocar nas festas do São João aqui do padroeiro”.

No entanto, toda essa riqueza de expressão por si só não legitima a existência dessas bandas. Relegados a um segundo plano pela era megatrônica, as bandas cabaçais, atualmente, lutam para que sua arte não seja sucumbida pela cultura de massa, que mais que plural, se faz caótica e teima em querer silenciar a música que veio **“do começo do mundo”**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados com o projeto comprovam que as Bandas Cabaçais sobrevivem as transformações culturais e permanecem como marcas tradicionais de suas regiões, contribuindo para a manutenção de nossa identidade e despertando encantamento nas gerações que ainda não as conheciam. O que nos motiva a continuar com o trabalho, que tem contribuído para uma redinamização desses grupos musicais e para o resgate da auto-estima dos pifeiros, como revelam em seus depoimentos:

“ ...o trabalho de vocês é muito importante pra nois, e pela primeira veis alguém procura nois pra ajudar de verdade.” (Damião Francisco)

“ ...Muito obrigado a equipe da universidade que trata a gente como artista.” (Chico Barbosa).

Ainda para este ano, pretende-se produzir um libreto que conte um pouco da história cultural das bandas cabaçais, com fotos, histórico dos grupos e um calendário artístico religioso das suas atividades.

Ao contrário do que muitos “estudiosos” acham, o nosso trabalho não é de resgate. Afinal de contas as bandas estão por aí. Como diz o professor Andra Ciacchi: “*Basta saber procurá-las*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. Aspectos da Música Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

BRAWWIESER, Martim, “O cabaçal” - boletim latino americano de música. São Paulo: VI/6 (abril): 601-602, 1946.

CIACCHI, Andrea. Lições de pífano, in Sem Fronteiras – notícias de um novo mundo. Nº 300, São Paulo 2002.

COSTA, Pablo Assumpção Barros, ANICETE: quando os índios dançam. Fortaleza: UFC – Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia.

FRADE, Cascia. Folclore – Coleção para entender. Vol 3. São Paulo: Global Editora. 1991.

MEGALE, Nilza B. Folclore Brasileiro. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

RABELO, Marcelo. Apresentação do CD da Banda de Pífanos de Bendegó. Bahia, 1997.

VASCONCELOS, Ary. Raízes da Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Rio Caminho, 1991.